

XINRAN

As filhas sem nome

Tradução

Caroline Chang



Copyright © 2007 by The Good Women of China Ltd.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Miss Chopsticks

Capa
Rita da Costa Aguiar

Imagens da capa
© Artkey/ Corbis (DC)/ LatinStock
© Lise Sarfati/ Magnum Photos/ LatinStock

Preparação
Carlos Alberto Bárbaro

Revisão
Márcia Moura
Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Xinran
As filhas sem nome / Xinran ; tradução Caroline Chang.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original : Miss Chopsticks

ISBN 978-85-359-1632-4

1. Ficção chinesa I. Título.

10-01989

CDD-895.13

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura chinesa 895.13

[2010]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Nota sobre nomes chineses, 9

Nota da tradutora da edição inglesa, 11

Introdução, 15

1. À sombra do grande salgueiro, 19

2. Ano-novo, vida nova, 32

3. O Bobo Feliz, 50

4. O Dragão de Água, 70

5. A casa de chá do apreciador de livros, 91

6. As três irmãs exploram Nanjing, 113

7. Seis e os clientes da casa de chá, 145

8. Diagramas e dialetos, 173

9. Três se apaixona, 197

10. Aulas de inglês, 215

11. Tio Dois visita os portões do inferno, 234

12. Voltando para casa, 260

Posfácio: A história depois da história, 269

Mapas, 281

Nota da edição inglesa: Lista de festivais chineses, 285

Agradecimentos, 289

Nota sobre nomes chineses

Em chinês, o sobrenome vem antes do prenome, por exemplo, “Li Zhongguo”, neste livro, o filho mais velho da família Li. “Zhongguo” é a forma de romanizar, de acordo com o pinyin, o caractere chinês do que chamaríamos de nome de batismo do senhor Li, 李. O pinyin é um sistema de transliteração de linguagem que usa o alfabeto latino para representar o som do mandarim padrão. Entretanto, em chinês, caracteres diferentes podem ter o mesmo som. 中 (pronuncia-se *zhong*), que significa “lealdade”, tem exatamente o mesmo som que 忠 (também pronuncia-se *zhong*), que significa “do meio” ou “central”. Por essa razão, os chineses muitas vezes se apressam a fornecer o significado de seus nomes quando estão se apresentando a alguém, para evitar confusão. Por exemplo, no capítulo onze de *As filhas sem nome*, Li Zhongjia, o segundo filho da família Li, é questionado pelo oficial de polícia sobre como se escreve seu nome: “Li como a árvore frutífera? Zhong como lealdade? Jia como família?”.

Complica ainda mais a questão dos nomes próprios o fato de muitos chineses serem chamados de uma forma em casa e de outra nos seus

documentos oficiais de registro. É por isso que, no capítulo quatro, os gerentes do Centro de Cultura e Águas do Dragão demonstram tanta surpresa ao ficarem sabendo que Cinco não tem nenhum outro nome a não ser esse mesmo, que mais parece um apelido doméstico.

1. À sombra do grande salgueiro

Ao lado do antigo fosso de Nanjing, há um velho e grande salgueiro muito amado pelas pessoas que vivem nas redondezas. À sombra de seus galhos, homens jogam xadrez e mulheres da região descascam legumes ou lavam panelas, conversando umas com as outras, olhando ocasionalmente por sobre a água em direção às ruínas do muro da cidade e seu majestoso portão, que sobrevive desde os tempos da dinastia Ming. Hoje em dia não é fácil distinguir o salgueiro em meio ao burburinho. A feira de rua local, que vende de tudo, de frutas, legumes e verduras a animais e bicicletas, se tornou tão popular que multidões de pessoas atulham as estreitas ruelas cheias de bancas e lojas. E uma nova agência de empregos foi construída não muito longe dali, atraindo filas de trabalhadores migrantes que querem tomar parte no boom econômico da China.

Nem sempre foi assim. No final da década de 90, essas ruas próximas ao portão sul da cidade eram bem mais monótonas. Não havia avenida perimetral, poucas pessoas possuíam carros e,

se se quisesse chegar rápido a algum lugar, era necessário suportar uma jornada de alquebrar o esqueleto em um táxi precário que na verdade era um dos tratores de três rodas produzidos em massa para fins de agricultura. Porém, mesmo naquela época, o tráfego decerto parecia extraordinário a alguém recém-chegado do interior. Para pessoas que houvessem crescido em meio a um estilo de vida camponês, que nunca tivessem visto carros, prédios altos nem telefones, e que muitas vezes eram analfabetas, a cidade, com sua imponente muralha, era uma visão colossais e atemorizante. Felizmente para elas, os homens e as mulheres à sombra do grande salgueiro sempre estavam dispostos a ajudar um estranho e prontos para dar informações sobre amigos e conhecidos que tivessem um emprego à disposição. Pouco a pouco, o grande salgueiro adquiriu a reputação de ser o lugar aonde qualquer pessoa deveria ir se estivesse procurando trabalho, e a feira ao lado cresceu mais e mais, para regozijo das autoridades do governo local, que assim recebiam mais dinheiro em aluguel dos donos das banquinhas, e para desgosto dos moradores locais, que reclamavam do barulho e da poeira.

Esta história começa em 2001, quando a feira não era nem grande nem pequena e quando os homens e as mulheres à sombra do salgueiro eram hábeis em encontrar empregos para as pessoas sem, no entanto, já estarem assoberbados com a tarefa. Começa em uma manhã fria de fevereiro, quando uma garota de dezenove anos chamada Sanniu, que significa “três” em chinês, se viu de pé ao lado do salgueiro, estarrecida devido ao movimento de gente ao seu redor. Três estava fugindo de casa porque seus pais planejavam casá-la com o filho aleijado de um oficial do governo local. Tivera sorte. Seu Tio Dois ficara com pena da sua desdita e concordara em ajudá-la a ir embora da pequena aldeia na província de Anhui. Ele trabalhava nas áreas de construção de novos prédios de Zhuhai, uma cidade próspera na costa sul da China,

e só voltava à aldeia para o Ano-Novo, quando era celebrado o Festival da Primavera. Assim que chegou em casa naquele ano e viu o destino que aguardava Três, Tio Dois prometeu a ela em segredo que a levaria consigo quando voltasse para o trabalho, ao fim do feriado.

Tio Dois era o segundo filho da família Li; o pai de Três era o primogênito. Os dois irmãos eram atormentados pela infelicidade de ter famílias compostas só de filhas mulheres. Na verdade, Três era a terceira de seis irmãs. Seu pai ficara tão desapontado pela falta de filhos homens que nunca dera nomes de verdade às filhas, de forma que elas ficaram conhecidas pela ordem em que nasceram.

Uma coisa era ajudar Três a fugir da aldeia, mas saber o que fazer com ela era algo bem diferente. Tio Dois vasculhou o próprio cérebro até se lembrar de seu amigo Gousheng, de Nanjing. Gousheng era um dos trabalhadores migrantes que labutavam com ele no canteiro de obras. E Tio Dois frequentemente passava a noite na casa dele em Nanjing, para descansar na metade do longo trajeto entre Anhui e Zhuhai. O amigo tinha uma mulher habilidosa e afetuosa que vendia tofu em um estabelecimento minúsculo e que seria a pessoa certa para aconselhar Três.

O que o Tio Dois não sabia — e que se mostraria muito útil — era que a mulher de Gousheng era uma das mais reputadas comerciantes da vizinhança e que seu estabelecimento estava situado não muito longe do velho salgueiro. Todos nas redondezas a chamavam de Senhora do Tofu e costumavam brincar dizendo que seu temperamento era mais quente do que o óleo de pimenta que ela servia, e a sua voz, mais ampla do que sua minúscula loja.

Felizmente para Três, a Senhora do Tofu também havia se recusado a se casar com o homem que seus pais escolheram para ela. No início dos anos 90, ela vivia em Shanxi, uma pobre e res-

sequida província no Norte da China, e fugiu com o namorado de infância, Gousheng, em vez de casar com o filho de uma família vizinha em troca de uma mulher para o irmão mais velho. Ela e Gousheng tomaram o ônibus para Xuzhou, o destino mais longínquo que a estação de ônibus local oferecia. Porém, mesmo lá eles temiam que seus pais pudessem encontrá-los, então trincaram os dentes e pagaram dezenas de yuans por passagens de trem para o ponto mais meridional quanto era possível ir: Nanjing. Em Nanjing foram forçados a reconhecer que os sonhos precisam abrir espaço para a realidade. O dinheiro deles só foi suficiente para pagar três noites na pensão mais barata da cidade; depois disso ficaram sem um tostão. No quarto dia, Gousheng se juntou a um grupo de operários que ia para o Sul, para trabalhar, enquanto a Senhora do Tofu conseguiu um bico em um pequeno restaurante que preparava pratos para viagem e que vendia tofu fedorento frito: uma grande especialidade de Nanjing, semelhante a queijo azul frito em óleo abundante.

Daí em diante, a vida foi difícil. Gousheng voltava para Nanjing apenas para o feriado do Festival da Primavera, quando muitos dos trabalhadores migrantes retornavam para casa por um mês. Mas mesmo então o casal tinha que dissimular seu relacionamento. Sem autorização da aldeia de origem eles não podiam obter uma certidão de casamento, e o concubinato ainda era ilegal. Se alguém perguntasse, diziam que haviam perdido a certidão e que estavam providenciando uma nova, enquanto em segredo procuravam por alguém que pudesse lhes arranjar uma falsificada. Vários anos se passaram, e eles conseguiram juntar algum dinheiro. A quantia bastou para a Senhora do Tofu subornar a polícia de Nanjing a fim de que esta autorizasse o casamento e assim ela pudesse obter a permissão necessária para montar a sua própria loja de tofu.

Na verdade essa suposta loja não era mais do que um buraco

numa parede. Tinha uma fachada aberta e algumas poucas mesas raquíticas de madeira espalhadas na rua. Lá dentro, todo o estabelecimento consistia em um wok cheio de óleo para a fritura, um fogão feito com um latão de petróleo, uma escrivaninha de escola que a Senhora do Tofu recolhera em algum lugar, toda riscada de equações matemáticas e contas, e um banco onde uma pessoa podia sentar-se confortavelmente, mas que era pequeno demais para dois. Havia uma garrafa de molho de soja, um pequeno vidro de óleo de pimenta e algumas tigelas e palitinhos baratos e descartáveis.

Apesar de os habitantes locais fazerem piadas sobre a Senhora do Tofu, também reconheciam que o coração dela era mais quente do que seu wok de óleo fervente. Ela jamais aceitava dinheiro de crianças que quisessem fazer uma boquinha e não tolerava ver garotas de famílias pobres serem importunadas. Se uma moça do interior em busca de emprego parasse na loja para perguntar como se ia até o grande salgueiro, a Senhora do Tofu a obrigava a sentar e comer vários espetinhos de cubos de tofu fedorento cravados em bambu antes de deixá-la prosseguir no seu caminho — sem sequer fazer uma pausa para perguntar se a garota gostava da iguaria. Diziam que se uma moça do interior experimentasse o quitute da Senhora do Tofu, na próxima vez que passasse pela região traria consigo bolinhos cozidos no vapor ou uma panqueca, de forma a evitar o tofu fedorento, cujo cheiro forte pairava como uma nuvem em toda aquela área.

Três e Tio Dois, entretanto, adoraram o tofu que comeram quando surgiram na lanchonete da Senhora do Tofu naquela manhã de fevereiro. Haviam acordado antes do alvorecer para pegar o ônibus de longa distância e estavam tão famintos que abocanharam vários espetinhos. Mal haviam terminado quando a Senhora do Tofu abafou o fogo, pediu ao dono da banquinha de café da manhã logo ao lado para ficar de olho nas suas coisas

e, sem tirar o avental, marchou, levando Três e o tio até o grande salgueiro para ver se algum dos jogadores de xadrez de lá tinha algum contato que pudesse pôr a assustada moça do campo no caminho certo.

Chegaram bem em meio a uma discussão. Um grupo de fanáticos por xadrez discutia acaloradamente se um deles deveria ter movido o cavalo, enquanto quatro velhas senhoras que limpavam vegetais logo mais adiante olhavam para a cena, divertidas.

“Ei”, gritou a Senhora do Tofu, sua voz forte facilmente alçando-se acima da gritaria e se fazendo ouvida, “você já não se cansaram de bater boca sobre esses seus jogos? Por que não fazem uma boa ação uma vez na vida dando uma mãozinha a essa moça?”

Todos os homens se viraram naquele instante.

“Então, Senhora do Tofu”, um deles gritou, “quem é a donzela aflita que a senhora está ajudando hoje? Do jeito que a coisa vai, a senhora pode muito bem transformar aquela sua minúscula lanchonete em uma agência de empregos. Poderia chamá-la ‘Centro Internacional para Integração das Aldeias e da Cidade Grande’.”

“É”, disse outro, “o governo pode muito bem dizer que os nossos negócios deveriam ser ‘internacionais’, mas aqui nós já estamos muito à frente. Em seis meses, a sua vielazinha apertada vai estar tapada de placas de companhias sino-estrangeiras e empreendimentos multinacionais. A senhora vai ter tudo, só vai ficar faltando as Nações Unidas!”

As pessoas sob a árvore explodiram em sonoras gargalhadas, mas a provocação não abalou a Senhora do Tofu. Sua filosofia era que, se alguém não tem dinheiro para se divertir, é necessário jogar um pouco de conversa fora para dar cor à vida, senão a pessoa enlouquece de tédio. Ela se virou para um homem que estava de pé, parado, um pouco afastado dos outros.